

“Memória, Modernidade, Martinica
(fragmentos de um livro)”

Richard Price
College of William and Mary
Williamsburg, Estados Unidos da América

* Traduzido por Inês Alfano

I L H A

Resumo

*Este artigo é a transcrição de uma conferência com diapositivos apresentada em junho de 1998 no Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina – uma leitura pública em português de passagens originalmente publicadas em Inglês em *The Convict and the Colonel* (Boston: Beacon Press, 1998). A partir de uma etnografia de longo prazo, documentos de arquivos, ficção e poesia caribenha, o autor explora como, na Martinica, sob as intensas pressões da modernização, as metáforas históricas mais poderosas de uma geração rapidamente se transformam em alvo trivial de outra. Em parte mistério histórico, em parte biografia, em parte estudos culturais, o trabalho explora a ativa re-invenção da história, da identidade e da consciência: o passado feito cartão postal.*

Palavras-chave

Caribe, pos-colonialismo, consciência histórica.

Abstract

*This paper is the transcript of a slide lecture presented in June 1998 at the Museu de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – a public reading in Portuguese of passages originally published in English in the author's *The Convict and the Colonel* (Boston, Beacon Press, 1998). Drawing on long-term ethnography, archival documents, Caribbean fiction and poetry, the author explores how in Martinique—under the intense pressures of modernization—one generation's most powerful historical metaphors have quickly become another's trivial pursuit. Part historical mystery, part biography, part cultural studies, the work explores the active reinvention of history, identity, and consciousness: the postcarding of the past.*

Keywords

Caribbean, postcolonialism, historical consciousness.

**“Memória, Modernidade, Martinica
(fragmentos de um livro)”¹**

Richard Price

Eu vivi, assim como inúmeros viajantes inquietos no final do século vinte, a implantação da “modernização” – com seus sinais externos e suas contradições internas – em vários momentos diferentes, cada um com suas inflexões próprias: inicialmente na Nova Iorque pós Segunda Guerra, posteriormente nas zonas rurais de Chiapas e Andaluzia, em seguida nas florestas tropicais do Suriname e, intermitentemente durante um período de 35 anos, na ilha de Martinica.

Uma das minhas primeiras lembranças: ao lado da minha cama, com o nariz colado à vidraça onde o gelo se formava, olhava a Broadway. Um bonde descarrilara na neve que caíra durante a noite e agora uma multidão gesticulava ao redor do vagão encalhado. Estávamos em plena guerra, devia ser 1944. Toda vez que eu saía com a minha avó, que morava no mesmo prédio da Rua 115, descíamos de mãos dadas aquele mesmo trecho da Broadway para ir ao açougue do Shuck, onde o pó de serra formava pequenas montanhas no chão. Passávamos pela lavanderia chinesa do Lee, pela loja de flores, pela livraria do Salter, e parávamos na quitanda do Saul, que às vezes me dava um doce, antes de seguirmos para o verdureiro, cujo nome me escapa agora, mas que tinha balanças de bronze penduradas no teto com ponteiros como os de um relógio. Em cada loja onde entrávamos, ouvíamos sempre “Bom dia, Mrs. Swee” (ou, se eu estivesse com minha mãe, “Como vai, Mrs. Price?”). A impressão que tenho é de que havia sempre, no nosso apartamento ou no de meus avós, roupas secando, penduradas em varais suspensos na cozinha ou, se o tempo estivesse bom, em cordas acionadas por roldanas, estendidas de um prédio a outro. Havia ainda o amolador de facas, que gritava anunciando sua presença, a voz ecoando entre as paredes dos edifícios, e que trazia um macaco preso a uma coleira.

Não muito tempo depois das multidões celebrando o Dia da Vitória (ainda recordo dos festejos no centro da cidade, que meus pais me levaram para ver), uma série de inventos começou a aparecer. Estes arautos do progresso, ícones da modernidade, entravam na minha vida de quando em quando,

geralmente primeiro na casa de alguém e, depois de algum tempo, na nossa própria. Cada um deles definiu um momento, cada um despertou euforia e orgulho: a máquina de lavar com o espremedor de roupa no topo (de minha avó, por volta de 1946); o televisor (tela de nove polegadas, nosso, cerca de 1947); o toca-discos (que substituiu nosso gramofone à manivela do final dos anos 40); e finalmente, depois da mudança para nossa casa própria no subúrbio (Riverdale) em 1948, modificações ainda mais significativas no nosso estilo de vida – o segundo carro da casa, uma lavadora-secadora que ficava no porão, um freezer que fez das verduras congeladas uma constante na hora do jantar, e (para minha irmã e para mim) um cachorro. E as idas de carro ao A&P – o primeiro supermercado do qual consigo lembrar. A marcha do progresso estava na ordem do dia, e isso parecia ser uma coisa absolutamente normal.

Em junho de 1962, do alto de uma colina na Martinica, olhei pela primeira vez para aquilo que eu vi como uma vila de pescadores incrivelmente bela e isolada – Petite Anse – margeando as águas azuis-esverdeadas do Caribe. Eu passei ali um verão, trabalhando em um projeto de pesquisa que fazia parte de meus estudos, financiado pela Universidade de Harvard e pela Fundação Nacional de Ciências. Não havia luz elétrica nem água encanada nas cento e poucas casas, e também nenhum carro. Um único telefone à manivela servia a toda a comunidade nos casos de emergência. O pão vinha toda manhã, trazido por barcos de pesca, do vilarejo vizinho (com sua igreja e agência de correio), percurso que também podia ser feito completando os três quilômetros do caminho pedregoso e enladeirado, recentemente tornado trafegável, caso o tempo estivesse bom, para o ônibus diário, que levava três ou quatro horas até Fort-de-France, com suas lojas de tecidos, empórios de móveis e repartições públicas. Minhas fotos, hoje esmaecidas, mostram espaços verdes descendo para o mar, com casas espalhadas aqui e ali – podia-se caminhar ininterruptamente de uma casa à outra, desviando-se de cabras e ovelhas que pastavam amarradas em cabrestos. As pessoas orgulhavam-se do fato de que, desde a Emancipação, há mais de cem anos, nenhum forasteiro sequer, branco ou negro, havia tornado-se proprietário de um centímetro da terra de Petite Anse: até onde a vista alcançava, a terra pertencia às famílias dos pescadores. As provisões – arroz, açúcar, rum, cebolas, fósforos – eram compradas ali mesmo, em minúsculas lojas anexas às casas. Outros produtos eram cultivados nas hortas. Os fogões eram a carvão. Os urinóis eram diligentemente esvaziados no mar às primeiras horas da manhã. Os homens pescavam das três da manhã ao meio-dia, consertavam redes e outros equipamentos à tarde, e se reuniam nos bares ao entardecer, recolhendo-se logo em seguida. A maior e mais moderna casa da vila pertencia a Amédée, o *quimboiseur* manco, mestre da mágica que permitia a um pescador pegar mais peixes que seu vizinho.

Hoje, trinta e cinco anos depois, Petite Anse é oficialmente parte da Europa. Há eletricidade, água encanada, ruas e iluminação pública, e, por todos os lugares, portões (alguns eletrônicos), muros de blocos de concreto e cercas metálicas. As casas são hoje mais que quatro vezes maiores, e muitas têm

I L H A

agora quartos para turistas no andar de baixo. Há dois pequenos hotéis, um deles com piscina. A maioria dos adultos tem carteira de motorista e muitas famílias possuem dois, ou mesmo três carros. Algumas pessoas fazem cruzeiros no Caribe. A maior parte das compras é feita em supermercados gigantescos na periferia de Fort-de-France, distante, agora, apenas quarenta e cinco minutos de tráfego pesado. Drogas, como maconha e até cocaína, começam a ser um problema entre os jovens, na sua maioria, desempregados. E algumas mulheres não somente dirigem BMWs e entram com processos de divórcio, mas possuem poodles levados em coleiras.

O tempo, ou melhor, a percepção daquilo que chamamos de memória, é como um velho acordeon da Martinica – que se abre ou se fecha, encolhendo algumas coisas, aumentando outras e, neste processo, fazendo música. Na minha perspectiva atual, a Martinica que vi pela primeira vez representa um ponto exatamente no meio – trinta e poucos anos antes do dia de hoje, trinta e poucos anos após os eventos-chave a serem descritos neste livro. Ali naquela colina, olhando Petite Anse em 1962, o ano de 1925 estava tão perto de mim, em tempo objetivo, como o momento em que escrevo estas linhas. Contudo, a sensação que tenho é que ele agora parece muito distante, quase “perdido” – como os jornais da Martinica gostam de se referir àquela época – “nas brumas do tempo”. Nossa tarefa, aqui, é expandir o acordeon, reabrir suas dobras, tocar algumas daquelas *mazouks* e *biguines* dos “velhos tempos”, com acompanhamento de clarineta...

[Esta parte do livro, a primeira de três, – chamada “La Guerre du Diamant” – descreve uma eleição local na Martinica – na cidade de Diamant – durante a qual as forças coloniais e os grandes proprietários rurais metralharam uma dezena de pescadores que tentavam exercer seu direito de voto. A maior parte do texto e das fotos são apresentados em duas colunas – as palavras dos socialistas na coluna da esquerda, as palavras dos colonialistas na da direita. Nesta seção – que hoje eu vou pular completamente – os mesmos e exatos momentos de cada incidente são detalhadamente descritos dos dois pontos de vista, à medida em que cada página vai sendo lida – é algo como dois filmes rodando ao mesmo tempo. Minhas fontes são documentos de arquivo, jornais da época e as conversas que tive com os sobreviventes que restaram, todos na faixa dos oitenta anos. Para nosso propósito aqui, tudo o que é necessário saber é que, em 24 de maio de 1925, a multidão de pescadores e camponeses que se amontoava em frente à prefeitura, reivindicando o direito de voto, segurava acima de suas cabeças uma estátua de madeira, a efígie do candidato de direita à eleição: um militar reformado, membro da classe branca de grandes fazendeiros, o homem que também era dono do engenho local – um certo Coronel Maurice de Coppens. Ele foi também o homem que ordenou o massacre dos cidadãos que a população local ainda chama de “La guèrre du Diamant”- a guerra de Diamant. (E, na verdade, ele é o coronel do meu título.) A estátua do coronel foi feita por um marginal, Médard Aribot, que é a outra metade do meu título, “o condenado”.

I L H A

*O coronel
O que sobrou do seu engenho de cana
A estátua do coronel que a multidão segurava*

[Vou ler, agora, um trecho do início da Parte II do livro, chamada “Meu Próprio Segredo”: A Vida e o Trabalho de Médard Aribot”]

Julho 1983. Espremidos no banco da frente da caminhonete de Julien, que estava caindo aos pedaços, suas portas amarradas com cordas, chacoalhamos na estrada de terra para Morne l’Afrique, muitos metros acima da baía de Diamant - Julien, sua mulher Tina, Sally e eu. Vamos em um tipo de festivo passeio de domingo, em busca de traços de Médard, de pessoas que talvez o tenham conhecido. Paramos o carro perto de um homem muito velho, que sobe a ladeira com a ajuda de um cajado. “Boa tarde”, Tina o saúda em crioulo, através da janela. “Boa tarde, madame”, ele responde, cumprimentando-nos graciosamente com sua *bakoua*. “Estamos procurando o lugar onde Méda

I L H A

morava, o senhor sabe, o homem que—” “Madame, nunca ninguém chegou ao fundo daquele camarada! Que incrível segredo ele tinha!... A casa dele fica ali em cima, em Bompí, mas é difícil de achar, vocês vão ter que perguntar.” Agradecemos a informação e Julien engatou a primeira para fazer o velho Peugeot subir a ladeira.

Mais adiante, encontramos, ao lado da estrada, um senhor que carregava um saco de carvão na cabeça. Falando outra vez pela janela, perguntamos se ele tinha conhecido Médard. Ele respondeu, sem hesitar: “Ele era um gênio – um gênio sem diploma”. “O senhor pode nos mostrar onde Médard morava?” “Eu levo vocês até lá, fica no meu caminho”. Encostamos o carro e, por insistência de Julien, cortamos varas para espantar as cobras. Seguimos o homem, caminhando em direção ao sol poente.

A casa

A casinha fica na beira de um barranco alto, em meio a uma vegetação luxuriante – bananeiras, mamoeiros e limoeiros. Gritamos nossas saudações e um homem aparece – sem camisa, calças de saco amarradas por um cordão, facão em punho. Ele é ríspido e desconfiado mas não chega a ser claramente hostil e diz – quando perguntamos sobre Médard - que ele era cunhado de Médard e que mora aqui sozinho com o cachorro. Quando Tina pede, e explica por que, ele responde que nós podemos olhar a casa e tirar fotos, se não demorarmos muito. Ela continua a distraí-lo com sua conversa enquanto vamos em frente com nossas pequenas tarefas antropológicas – desenhos rápidos, anotações e fotos.

ILHA

Sabíamos que esta tinha sido a última casa de Médard, que daqui ele tinha saído carregado, doente, caminho acima, para o hospital de Trois Ilets onde morreu pouco depois, dez anos atrás. A casa era coberta de adornos de madeira, alguns semelhantes a árvores de natal e, acima do telhado de eternit, um cata-vento de madeira imitando a bandeira da França. Era possível ver que, um dia, toda a casa havia sido pintada em listras.

A primeira vez que ouvi falar em Médard foi por volta de 1978, em uma das nossas visitas periódicas a Petite Anse. Desde o início dos anos setenta, quando um grave acidente de pesca forçou nosso amigo Emilien a mudar seu modo de vida e abrir um bar/loja (e às vezes restaurante) – “Le Rayon” (O Raio de Sol) – com sua mulher Merlande, ficávamos hospedados com ele sempre que vínhamos em visita. Emilien estava sempre fazendo melhorias na loja – num ano, colocando lajotas no chão de concreto; no ano seguinte, instalando um freezer para vender picolés. E então, em uma de nossas visitas por volta de 1978, notamos – entre as garrafas de rum, acima do balcão estreito que servia de bar – uma estátua de madeira pintada que nunca tínhamos visto. Emilien disse-nos que ele era “um general” e que eles a tinham ganho

Estátua entre garrafas

do padrinho de Merlande, Monsieur Ador, falecido naquele ano. A casa de Ador, que eu conhecia desde o início dos anos sessenta, ficava bem ao lado do local onde Emilien tinha construído a loja. Eu nunca tinha entrado na casa, mas Emilien disse que o velho guardava o general em uma mesinha, junto a algumas jarras. O general havia sido feito, disse-nos Emilien, por Médard. Ele pareceu surpreso por não o termos conhecido – já que ele tinha morrido apenas alguns anos antes.

Ficamos intrigados com a escultura e, nos dias seguintes, tiramo-la do seu pedestal, descrevemo-la em nossas anotações e a fotografamos de vários ângulos.

Estátua (montagem do autor)

Vendo-nos trabalhar um dia, Emilien observou, “Quando eu era jovem, me disseram ‘houve um general que veio aqui. Médard fez um desenho dele, perfeito. O desenho era fiel demais’. Por isso, ele foi mandado para a prisão, foi por isso que ele foi mandado para a colônia penal”. Comecei a fazer perguntas a respeito de Médard, e uma coisa levou à outra.

Quando estava no Suriname, trabalhando com os quilombolas Saramaka (descendentes de escravos fugidos), comecei a interessar-me por consciência histórica: pelas formas, geralmente heróicas, que estes afro-americanos tinham de enxergar o seu passado coletivo.² Mas os escritores e filósofos caribenhos tendiam a argumentar que a população das zonas rurais – o tipo de pessoa por quem eu estava particularmente interessado agora – sofria, ao invés disto, de uma espécie de amnésia histórica, que havia pouca tradição daquele tipo de resistência ativa à escravidão que eu havia encontrado entre os quilombolas. A maioria dos intelectuais do Caribe – Glissant, Lamming, Naipaul, Patterson, Walcott e muitos outros – insistiam que a educação colonialista havia efetivamente eliminado o tipo de memória histórica que dá a um povo o forte e orgulhoso senso de identidade que eu havia encontrado entre os Saramaka. Mas quando comecei a conversar com as pessoas sobre Médard, pensei ter aberto uma porta para um tipo diferente de história, um veio subterrâneo que merecia ser garimpado. Durante vários anos, segui os traços de Médard aonde eles me levavam, em busca desta visão alternativa do passado.

Depois de algum tempo, consegui uma cópia da certidão de nascimento de Médard (como diz Walcott, “the French are very good at this sort of thing;

every other frog is a Descartes”²⁾, e descobri que ele havia nascido em 1901, em Saint-Luce, e que seu nome legal era Médard Aribot. As pessoas que conheceram Médard quando jovem disseram-me que ele passara a maior parte da sua juventude em Diamant. Ele morava em uma caverna perto do mar e passava o tempo pescando nas pedras e catando caranguejos no mangue. Ele ia a pé pela praia até Saint-Luce visitar a mãe que morava entre as ruínas de um engenho de cana do século dezessete, chamada Céron. Contudo, ele parecia ser mais próximo da família do pai, morando nas colinas acima de Diamant, onde Médard às vezes cuidava de um pequeno jardim. “Ele estava sempre sozinho”, diziam seus contemporâneos, “e nunca pisou numa sala de aula.”

[Temos a seguir, no livro, uma seção sobre o significado de propriedade, e a definição especial de roubo, nas sociedades escravagistas nas Américas. No livro, dou vários exemplos literários e concluo dizendo que:]

Sempre que falavam do passado recente, os moradores locais enfatizavam que crime era roubar dos pobres, de outras pessoas da comunidade. Subtrair algo de um engenho de cana, ou das companhias pertencentes aos *béké*, ou brancos, era visto antes como estar tomando aquilo a que se tinha direito.

Tais idéias a respeito do furto oferecem-nos mais um dado no nosso conhecimento sobre Médard, pois parte da fama deste homem reside na sua habilidade singular de acumular mercadorias dos mais diversos tipos. Desde jovem, Médard subtraía (e em seguida armazenava, vendia ou dava) todo tipo de bens básicos. E, sem ser visto exatamente como um Robin Hood, ele parece ter escolhido suas fontes com uma notável coerência – as lojas elegantes da cidade, *La Compagnie Générale Transatlantique*, os principais engenhos de cana da ilha, e até mesmo o quartel da polícia e a casa do promotor público.

...

Médard, nesta época, morava numa caverna escondida, perto do mar. Génor Naud descreve o que ele viu com seus próprios olhos quando foi convidado a entrar na caverna dos tesouros.

Sob aquele rochedo, havia uma caverna grande o suficiente para conter várias casas. Tinha vários andares. Subindo pelas pedras, você subia para o andar seguinte. Cada cômodo estava cheio de um tipo diferente de mercadoria! Ali tinha tudo que tinha numa grande loja. Tudo que se podia ver na loja de Emilien – tudo estava ali. Sacos de batata, sacos de arroz, sacos de lentilha, sacos de feijão, sacos de farinha importada, caixotes de bacalhau. Sem falar nas bebidas. Todo tipo de bebida que você puder imaginar, todo tipo.

Médard recebia, ainda, pedidos dos vizinhos. “Qualquer coisa que você pedisse para ele pegar”, contou Génor, “chegava na sua porta às três ou quatro horas da manhã seguinte.”

...

Além de suas escapadas noturnas pelo mato – cobrindo boa parte da ilha mas, particularmente, de acordo com seus contemporâneos, subtraindo

I L H A

mercadorias dos depósitos fortemente protegidos da companhia marítima francesa – Médard passava parte de seu tempo criando obras de arte. Como diziam sempre as pessoas que o conheciam, “Ele só trabalhava de noite – sem ferramentas, sem máquinas – só com um pedacinho de faca”.

Entre seus temas favoritos na primeira fase estavam os grandes navios que ele via passar no mar, cargueiros a vapor e navios de guerra carregados de canhões...

O navio

Deve ter sido mais ou menos por volta desta época, depois do primeiro período na prisão por ter roubado dos campos de cana do Coronel de Coppens em Dizac, que Médard fez sua “foto” do coronel – exatamente a mesma escultura que era levantada pela multidão durante o massacre de 1925, que depois foi parar na pequena casa do amigo de Médard, Monsieur Ador, em Petite Anse, e que então passou, após sua morte, para nossos amigos, Emilien e Merlande...

Foi em 1932, por razões que deixam espaço para diferentes interpretações, que Médard foi enquadrado numa das mais estranhas e draconianas leis da França, criada para limpar as ruas das metrópoles de pequenos crimes e criminosos – a infame *Loi du 27 Mai mille huit cent quatre-vingt-cinq* – a lei de 1885 do degredo perpétuo para a colônia penal da Guiana.

Girard Sénart dividiu comigo suas lembranças da prisão de Médard, descrevendo o que testemunhou na principal rua da cidade daquele dia de 1932:

Quando eles chegaram para levá-lo, eu era apenas um menino. Eles foram na caverna pegá-lo. E aí eu o vi passando, com um enorme pacote sobre a cabeça – e com ferros nos pulsos e nos tornozelos. Ele entrou na gendarmerie carregando aquela estátua do Coronel Coppens na cabeça. Aqueles eram os dias da colônia! Se alguém dissesse, “Méda roubou isso e isso,” eles simplesmente mandavam uma ordem de prisão e o prendiam. Ele era completamente inofensivo, um homem que nunca cometeu uma violência. Aquilo foi uma vergonha.

Passaram-se vinte anos antes que Médard pisasse novamente em Diamant. ...[A próxima sessão do livro trata da colônia penal na Guiana Francesa (a Ilha do Diabo e todo o resto). É uma história dramática – consegui, com persistência e sorte – encontrar registros oficiais detalhados de Médard na prisão e completá-los ao testemunho daqueles que o conheceram, reconstruindo assim uma boa parte de sua vida na mais totalitária das instituições. ... Mas vamos ter que pular toda esta parte hoje.]

A maioria dos nossos amigos na Martinica lembra-se de ter visto Médard pela primeira vez somente depois de seu retorno da colônia penal, no início dos anos cinquenta. Eles descrevem uma figura entevada, de cabelos brancos, ainda muito forte, quase que sempre calado – e um artista de gênio misterioso. Médard parece ter retomado sem muitas mudanças o modo de vida que tinha adotado para si mesmo antes de ir para a Guiana.

Durante estes anos, Médard subtraía mercadorias, para si e atendendo a pedidos – sempre dos engenhos locais. E, ao mesmo tempo, à noite, em sua caverna em Diamant, fazia coisas – muitas coisas, em um ritmo frenético. Às vezes, quando alguém ia para Fort-de-France durante o dia, via Médard, carregando um saco no ombro nu, despenteado e descalço, andando de loja em loja e de bar em bar, tentando vender uma das suas peças. Tina Larcher lembra-se da vez em que Médard apareceu na porta da casa de sua mãe, por volta de 1960, e tirou do saco o fantástico busto de um rei – ele esperava receber alguns centavos pelo fato de elas terem visto o busto.

O “*Roi des Indes*,” O *Rei das Índias*, de Médard

E durante os meados dos anos sessenta, Médard construiu uma pequena casa não muito longe de sua caverna.... Uma rara foto, tirada durante a época em que Médard nela morava, revela a bandeira da França ao vento.

No início dos anos sessenta, Médard tinha vizinhos – incluindo o branco dono das terras – que não queriam nem que ele nem que a sua casa perma-

I L H A

A casa, 1970

necessem no local. Assim, eles fizeram com que a polícia o importunasse, e Médard decidiu ir para seu velho pouso em Bompí, perto da família do pai, onde construiu sua última casa, aquela que visitamos junto com Julien e Tina. Não levou muito tempo para que o levassem, carregado, diretamente desta casa em Bompí para o hospital em Trois Ilets, onde ele morreu. No fim, como me disseram seus amigos, ele estava completamente exaurido. Era 1973.

[A terceira, e mais longa, parte do livro chama-se “Recordando Médard, O Arrastão da História”. Esta parte começa com um conjunto de imagens que resume sua mensagem]:

Onze de dezembro de 1995, nosso primeiro dia de volta a Anses d’Arlet depois de um semestre ensinando em Virginia. Ao atravessar a única rua da

*A casa de Médard em
Anse Caffard, em 1983*

*1986: após ocupação por
alguns rastafaris*

1988: reconstruída e pintada

1995: um pintor trabalhando

*A capa do último Guia
Gallimard da Martinica*

cidade, o dono do Studio-Hotel Madinakay (um crioulo branco que não é deste lado da ilha) me segue apressado e pergunta, “Com licença, Monsieur –

I L H A

O senhor pode me dizer o nome do homem que construiu aquela casinha em Anse Caffard, o condenado?” “Médard”, respondo. “Mas Médard *de quê?*” Respondo, “Aribot”. Com um sorriso de triunfo ele conta que lhe tinham dito que “o canadense” certamente saberia a resposta. Quando quis saber o porquê da pergunta, ele explicou que era para um concurso do *France-Antilles* – o único jornal da Martinica. Haviam publicado uma foto da casa e perguntavam pelo nome completo do seu construtor, como parte de uma competição.

[Esta terceira parte do livro explora o modo como poderosas metáforas históricas de uma geração podem rapidamente transformar-se no tema de jogos de perguntas e respostas de conhecimentos gerais da geração seguinte. Trilhando o equivalente literário dos caminhos tortuosos preferidos por Médard, tento esclarecer de que forma a imagem que mais fortemente evoca a memória que um povo preservou da repressão colonial pode se ver transformada, em menos de duas décadas, no medíocre e pitoresco ícone na capa do guia turístico da Martinica mais vendido na França.]

“Sua história,” escreveu o ex-catedrático de Harvard H. Stuart Hughes em 1989, “é uma crônica de época.”³ Eu lhe havia escrito pedindo que confirmasse uma lembrança – uma espécie de momento decisivo mítico-heróico na versão da minha vida que eu contava a mim mesmo – cuja verdade eu agora me via obrigado a investigar. Eu ainda não tinha vinte e um anos quando, no período de dois meses, em 1962, conheci Sally em Harvard e fui passar o verão na Martinica para fazer um trabalho de campo, apaixonando-me, no processo, por ambos.

Cedo numa manhã de agosto, eu acompanhava meu novo amigo Emilien na maravilhosa viagem de canoa para Fort-de-France, cruzando águas azuis-turquesas, coroadas pela mais branca das espumas, passando por densas florestas verdes e montanhas, com o vulcão Mont Pelée ao longe, tentando alcançar o céu. Depois de observar como Emilien vendia seu peixe a uma comerciante ao lado do canal, desembarcamos para cortar o cabelo (o barbeiro de Emilien relutou bastante a cortar o meu cabelo, dizendo que nunca antes tinha cortado o cabelo de um branco). Resolvi entrar numa livraria enquanto Emilien ia procurar alguns equipamentos de pesca na vizinhança, e lá comprei uma dezena de livros sobre a Martinica – incluindo o *Cabier d'un retour au pays natal* e o *Cadastré* de Césaire.

Li e reli o *Cabier* de Césaire neste verão em Petite Anse e, ao voltar para Harvard em setembro, propus ao meu professor, um especialista em Rimbaud, escrever minha tese de final de curso sobre este poema e seu autor. O professor disse que nunca tinha ouvido falar em Césaire mas que – se eu lhe emprestasse algumas de suas obras – levaria a proposta ao Departamento de Línguas Românicas. Dei-lhe os meus exemplares de *Cabier* e *Cadastré*. Uma semana depois, foi-me comunicado o veredicto: após ter examinado os poemas, o Departamento decidiu que o trabalho de Césaire “poderia ter interesse antropológico, mas não era significativo o bastante *como literatura* para merecer

uma tese de final de curso”. Fiquei tão contrariado com este incidente, o qual interpretei como racista e etnocêntrico, a ponto de pedir que Stuart Hughes fosse meu orientador “oficial”, enquanto Vogt, professor de antropologia, era quem efetivamente supervisionava minha tese – um ensaio que nunca mencionou Césaire, mas abordou algumas das realidades sobre as quais ele escreveu, conseguindo, de certo modo, combinar um romantismo sincero com o cientificismo então em voga.⁴

Hoje, ao ler minhas anotações antropológicas de campo, a primeira palavra que me vem à mente é inocência. Mas também entusiasmo, curiosidade e ambição. Minhas cartas para Sally neste verão são tudo isto e muito mais, já que eu estava tentando seduzi-la, conquistá-la para uma vida que incluía o romance do trabalho de campo (entre outros romances). Como minhas anotações antropológicas tendem a ter um formato “científico”, como eu tinha aprendido que elas deviam ser, as cartas fornecem um acompanhamento narrativo, uma versão humanizada do que vivi naquele verão. [Vou dar aqui um exemplo bem breve. As cartas formam uma seção significativa do livro.]

[início de julho, 1962]... Querida S. Nos últimos cinco anos, houve quatro noites encantadas que tiveram algo diferente de tudo que eu tenha conhecido – uma noite que passei no fundo do Vale do Monumento, em Utah, com os deuses navajos do vento soprando por entre as mais fantásticas formações de rocha, outra no fundo do Grande Canyon, uma terceira em uma praia, à sombra de um chateau no Loire, e outra bem no alto de um cânion andino, acampando com descendentes dos incas, olhando os rebanhos de lhamas andando sob o luar no fundo do vale. A noite de ontem foi a quinta.

Às quatro horas, saí rumo ao alto mar com Emilien, seu ajudante Hector e um garoto, sobrinho de Emilien. Jogamos nossas redes ao mar perto de Diamant e amarramos o barco a uma bóia, esperando pela chegada dos peixes. Devagar, bem devagar, o sol se pôs atrás das colinas e o céu incendiou-se, tomando depois vários tons de rosa, para ficar, por fim, preto-azulado. Vênus apareceu, seguida de outros astros, até ficarmos flutuando sob uma magnífica abóbada, salpicada de estrelas, olhando, através do ar limpo, as luzes que piscavam na praia.

Emilien disse-me que as redes estariam prontas quando vissemos nelas um grande “fogo”. E logo o vimos. Olhando ao lado da canoa, vimos as redes brilhando fosforescentes através da água cristalina. Cada golpe do remo de Hector provocava um redemoinho de incríveis fagulhas azuis e brancas, maiores e mais encantadoras que um vaga-lume. As redes foram içadas e com as fagulhas azuis desenhei, sobre meu pé, um “S” fosforescente, como Cândido entalhando nas árvores o nome de Cunegunda.

Lentamente, voltamos cavalgando as ondas, e quando dobramos o cabo e Petite Anse tornou-se visível, as chamas que saltavam de tochas amarelas fizeram-nos entender que outras canoas já haviam retornado. Puxamos a canoa para a praia, acendemos nossa tocha, abrimos as redes, passamos uma hora guardando nossos peixes e voltamos para a cama.

ILHA

[4 de agosto de 1962] Quase não me sobra tempo para escrever-lhe, de tão ocupado que estou, fazendo perguntas, jogando cartas com os homens (que têm nomes como Homère, Hippolyte, Hector e até um Charlemagne...) e investigando práticas mágicas... Descobri que a alga fosforescente no mar é do mesmo material que faz brilhar, à noite, o interior das tumbas nos cemitérios... Esta tarde conversei com um homem que está marré (enfeitiçado) e não pescou nada este mês. Se ele tivesse dinheiro, iria a um quimboiseur (a quem chamou, por respeito a mim, de docteur), mas não tem. Também me mostraram uma grande rede de arrasto que estava enfeitiçada. Pierrot, seu dono, não pega um peixe há três semanas. Amanhã de manhã, vou fazer um novo tipo de pescaria – vamos pescar búzios, com redes de malha larga. Na segunda-feira, vou com Pierrot e a grande rede enfeitiçada.... A vida continua muito boa e estimulante – exceto pelos enjões.

Emilien tem dois tios (irmãos do seu pai) que possuem a mágica mais poderosa num raio de vários quilômetros. Amédée, o grande quimboiseur, ficou meu amigo. Seu irmão, Amélius, que dizem fazer somente o “mal”, tem um ciúme terrível do famoso feiticeiro que cura as pessoas e as canoas de toda a ilha. O tio mau disse uma vez a Emilien, confidencialmente, que se ele tivesse os livros de mágicas do irmão, o sol nunca mais nasceria!

[E assim por diante, seguem-se muitas cartas descritivas....]

Olhando para trás, percebo hoje que meu crescente interesse pela “magia” era muito mais que uma obsessão juvenil. Naquele verão, eu estava sendo atraído para uma região central da vida na Martinica, para aquilo que Glissant identificou dez anos mais tarde como o “espetacular” caso de uma instituição local no processo de perder suas funções sócio-históricas sob as enormes pressões do *afrancesamento*.⁵ E uma instituição que Michael Taussig, ao escrever sobre a Colômbia contemporânea, entendia mais amplamente como uma fundamental “crítica ao modo moderno de produção”, uma arma de resistência contra a própria modernidade...⁶

Pensando na Petite Anse de 1962-1963 – além da pesca e da mágica, que tanto preenchiam meus dias e noites – minha mente perambula por certas lembranças de época (semelhantes, ao menos superficialmente, àquelas lembranças da vida na Martinica pré-modernização, capturadas com tal verve literário pelos romancistas Joseph Zobel, Patrick Chamoiseau, Raphaël Confiant e Ina Césaire⁷). Embora meus amigos pescadores e eu não tivéssemos consciência, aquele era, na verdade, o crepúsculo de uma era. A década seguinte lhes traria uma estrada pavimentada, carros, eletricidade, telefones, água encanada, TV, jornais, a emigração em larga escala de irmãs e irmãos para a metrópole, e fortes pressões para o *afrancesamento*. [Descrevo a seguir algumas destas lembranças de época, recorrendo a trabalhos literários, inclusive à evocação feita por Chamoiseau de uma *épicerie* típica. E, ao fim, escrevo:]

Mas é uma outra *épicerie* – o “Rayon” de Emilien e Merlande – que descortina a mais privilegiada, e temporalmente contínua, vista para a Petite

ILHA

Anse de então e de agora. É também o local onde aconteceu, no decorrer dos anos, boa parte da ação e das conversas relativas a Médard.

Le Rayon (O Raio de Sol)

Era ao entardecer que o Raio de Sol ganhava vida: com sua varanda ao lado da estrada, iluminada por um lampião de querosene, era o lugar favorito para vadiar, beber, discutir e olhar o mundo passar. Derek Walcott, escrevendo sobre Santa Luzia (a ilha ao lado, que você pode ver do Raio de Sol, olhando para o horizonte) em “What the Twilight Says” (O que diz o entardecer), reproduziu o sabor deste tipo especial de espetáculo, antes que a furiosa modernização, incluindo a televisão, fizesse tudo isso desaparecer. “No teatro dos pobres,” escreveu,

tudo era possível, sexo, obscenidades, perdão, liberdade, e não apenas a liberdade de andar descalço, mas a liberdade feita de necessidade, a liberdade de cortar florestas, cavar canoas, caçar cobras, pescar e desenvolver corpos feitos de corda alcatroadas que lançavam gotas de suor como linhas de pesca retesadas. Havia outros teatros também. Havia o teatro da degradação. Não nuvens de heróis, mas de moscas. Os párias que representavam suas tragédias, os lunáticos que improvisavam todos os dias monodramas absurdos, monólogos repulsivos, satiristas, aleijados, alcoólatras, um travesti, um assassino cuja pena de morte havia sido suspensa, várias velhas corcundas parecendo baratas tontas.⁸

Todos estes tipos, e ainda outros, freqüentavam o Raio de Sol. E quando Médard – sem camisa, encurvado, o saco de maravilhas sobre o ombro – passava por lá, já perto do fim de sua vida, para mostrar sua mais nova criação, ele encaixava-se perfeitamente neste maravilhoso, embora frágil, universo. Após sua morte, a lembrança de Médard, encarnada naquela estátua de madeira colocada no alto, atrás do balcão, reservou-lhe um lugar especial nas nuvens de palavras que compunham este firmamento. Através daquele pedaço especial de madeira, as lembranças da *guerre du Diamant*, da colônia penal e da opressão colonial continuavam a trafegar no Raio de Sol.

Há vinte anos, quando as pessoas começaram a me falar, com carinho e simpatia, sobre Médard, elas enfatizavam sua singularidade – como um homem sozinho, simplório, de força sobrenatural, um gênio artístico, um excên-

trico gentil e provavelmente louco. Gostaria, agora, de voltar o pensamento para dois aspectos desta concepção de diferença – ambas quintessencialmente caribenhas e ambas intimamente ligadas à vida e à lembrança de Médard. O primeiro aspecto envolve a correlação entre loucura e colonialismo. O segundo refere-se ao teatro da marginalidade.

[Segue-se aqui uma longa seção do livro a respeito destas questões, combinando exemplos literários – Lovelace, Walcott, Naipaul, entre outros – e dados etnográficos sobre Petite Anse. E vem então uma longa seção ensaística sobre o papel da História na consciência do Caribe. É simplesmente impossível tratar de tais questões complexas nesta apresentação. Neste ponto do livro eu volto então à ilha, recorrendo especificamente a contribuições feitas a estas discussões gerais, particularmente às contribuições de Césaire, Fanon, Glissant e os *créolistes*, que escreveram no, seu *Eloge de la créolité*, “Nossa História, ou mais precisamente, nossas histórias, naufragaram na História Colonial. A memória coletiva deve ser nossa prioridade...” (e assim por diante) E então eu prossigo:]

Foi por motivos não diferentes destes, e recém-saído das minhas investigações históricas com os quilombolas Saramaka, que eu comecei a me envolver com as lembranças de Médard... Eu achava-me capaz de descobrir, sob o verniz colonial da História (de Joana D’Arc a de Gaulle e depois), camadas escondidas de história, conhecidas por nomes diferentes e registradas não em livros (as pessoas entre as quais vivi mal sabiam ler) mas na língua, provérbios, metáforas, e na própria terra (e mar). Após minha experiência com os Saramaka, eu estava preparado para encontrar traços do passado nos locais mais imprevisíveis, influenciando de modo sempre diverso na contínua vida social e política, e sendo preservada, transformada, ou obliterada, de acordo com a localização de indivíduos e coletividades específicos em relação a específicos eventos e atores, passados e presentes. Na metade da década de oitenta, nas minhas ininterruptas explorações das lembranças de Médard, achei ter encontrado um conjunto de traços, uma série de fragmentos de lembranças do passado, que poderiam ser a alegoria ideal para minha discussão mais ampla de que, apesar de algumas das mais pessimistas afirmações de intelectuais caribenhos, os camponeses e pescadores da Martinica realmente preservavam uma visão heróica, anti-colonial, do passado e que a amnésia coletiva era mais uma invenção de intelectuais burgueses do que uma realidade rural.

De fato, em 1985, após aquele passeio de caminhonete para Morne l’Afrique com Tina e Julien e as incontáveis conversas com pescadores e camponeses locais, que cobriram um período de oito anos, eu podia afirmar com segurança que,

Hoje, em todas as vilas de pescadores da costa sul da Martinica, quase todas as pessoas sabem que Médard, aquele enigmático e silencioso escultor que morreu há uma década, foi enviado para a prisão na Guiana Francesa por ter feito uma perfeita “foto” (uma escultura em madeira) do Coro-

ILHA

nel de Coppens. E elas mostrarão a pequena casa decorada no penhasco acima do mar perto de Diamant como uma prova do seu talento artístico. Tout moun (todo mundo) sabe que Médard viu Coppens uma vez, talbando então sua imagem em madeira com tal precisão de detalhes, da expressão facial às medalhas militares, todas exatamente no lugar, e que foi condenado à colônia penal por este ato de flagrante impertinência.¹⁰

No final dos anos setenta, quando comecei a investigar a história de Médard, a sua força parecia tangível para os habitantes rurais da Martinica. Embora sua penúltima casa estivesse, então, em ruínas, sempre que os pescadores, artesãos ou camponeses passavam por ela, pela estrada ou por mar, eles lembravam do homem e da sua história. O mundo destas pessoas ainda estava cercado por estruturas e relações (pós) coloniais, palpáveis o bastante para que reconhecessem na luta de Médard – embora esta houvesse ocorrido nos anos vinte, no ápice da dominação colonial clássica – algo que era também bastante deles. Eu sentia ter encontrado uma história que revelava um aspecto significativo (embora subterrâneo) da forma como estas pessoas se inseriam no mundo. E, com base nestas convicções, pude concluir meu artigo de 1985 alegando que “Para os pescadores da Martinica de toda a costa sul, a história de Médard e o massacre de 1925 em Diamant – embora seu registro escrito não possa ser encontrado em lugar algum – formam um capítulo central da sua história moderna, do seu passado significativo.”

Hoje, menos de duas décadas depois, não posso mais sustentar esta afirmativa. Poucas pessoas com menos de cinquenta anos são capazes de lembrar qualquer coisa sobre Médard e menos gente ainda sabe que houve, um dia, uma “guerra” em Diamant. Deixando de lado os sobreviventes da geração que, inicialmente, dividiram comigo suas lembranças e opiniões sobre Médard, a maioria dos seus filhos e netos hoje conseguem somente me contar que Médard, provavelmente, foi um condenado (ou era um soldado? ou um vagabundo? ou um mero louco? ou talvez ele tenha sido um escravo?) que há muito tempo atrás morou naquela estranha casinha em Anse Caffard. É como se o enorme rolo compressor do (pós) colonialismo francês, com seu efeito destrutivo sobre a consciência e identidade, tenha finalmente atingido mesmo as mais rurais, menos modernas, áreas da ilha. Aquilo que, há duas décadas, os meus amigos viam como uma história de resistência heróica a um opressor incompreensivelmente arrogante, está hoje completamente desprovido de significado – ao menos deste tipo de significado.

Eu diria que estamos testemunhando algo que pode ser chamado de “a folclorização do colonialismo”, ou “a transformação do passado em cartão postal”. De fato, durante 1987, influenciado por esforços governamentais pela recuperação do patrimônio cultural (a herança cultural deste canto da França), assim como pela promoção do turismo, um grupo local de jovens patrocinado pela prefeitura de Diamant reformou a casa de Médard, limpando as pichações descuidadas feitas por visitantes rastafaris, consertando os adornos

de madeira e criando um pitoresco caminho de pedras portuguesas até à porta da frente, repintando as paredes com quase as mesmas cores originais e, *voilà*, todas as lojas de souvenirs da capital da Martinica começaram a vender cartões postais intitulados “A Rocha do Diamante e a lendária ‘Casa do Condenado’”. ...

A modernização da ilha, extraordinariamente rápida, e, em boa parte, imposta pela metrópole, tem um espírito profundamente assimilacionista, e exige a rejeição simultânea de boa parte da cultura da Martinica que havia sido desenvolvida durante os três séculos passados – ao menos como um modo de vida possível para a geração de hoje, com os olhos voltados para o futuro. ...

Há duas décadas, Édouard Glissant defendeu que os símbolos culturais da identidade da Martinica – música e dança, o idioma crioulo, a culinária local, o carnaval – revestem-se de um incrível poder em tais contextos, criando nas pessoas a ilusão de que elas estão representando a si mesmas, de que estão escolhendo os termos de sua “diferença”, enquanto obscurece, ao mesmo tempo, a rapidez e o totalitarismo do projeto de assimilação. Esta preocupação com *le culturel* e *le folklore*, escreveu Glissant, serve tanto ao assimilador como ao assimilado, acalmando este último até a complacência e ajudando a mascarar a força esmagadora da *mission civilisatrice*.¹¹ O crítico literário Richard Burton, escrevendo no rastro de Glissant, defendeu, mais recentemente, que o martinicano moderno é “tão espectador da ‘própria’ cultura quanto o turista comum. ‘Cultura,’ (escreve), como tudo mais na Martinica hoje, é muito mais um produto a ser consumido do que algo a ser produzido em um contexto humano vivo.”¹²

[A próxima, e bastante longa, seção do livro, que tenho que pular completamente hoje, tenta adicionar cores a esta imagem de *tristes tropiques* e descreve as formas pelas quais os martinicanos estão apropriando-se de produtos e símbolos do exterior e transformando-os em seus – e, no processo, como estão seletivamente esquecendo e transformando boa parte do seu passado coletivo, inclusive muitas coisas relativas ao colonialismo. ... E eu então descrevo como]:

Em 1990, enquanto Sally e eu estávamos passando um semestre dando aulas em Stanford, a história de Médard tomou um rumo imprevisto. Inesperadamente, um amigo enviou-nos um recorte de jornal que anunciava:

***“A Verdadeira e Detalhada História de Médard Aribot”*: Um Espectáculo de Som e Luz escrito por Vincent Placolý, dirigido por José Alpha, com música de Léon Sainte-Rose, a ser apresentado pelo ‘Teatro da História’ na praia de Sainte-Luce, 5 de maio, e na praia de Diamant, em 19 de maio.**

[Boa parte do resto do livro é uma análise desta peça e das reações à história de Médard durante os últimos anos. ... Para simplificar consideravelmente, e contar toda a história no tempo que me é dado:] No início dos anos

I L H A

noventa, poucos moradores locais com menos de cinquenta anos sabiam qualquer coisa a respeito de Médard ou mesmo da existência do massacre de 1925. E as fontes oficiais negam, hoje, que algo desta natureza pudesse até mesmo ter acontecido. Deixem-me citar apenas um exemplo: em 1993, o suplemento de fim-de-semana do principal jornal da ilha dedicou um artigo a Médard na sua seção semanal “História”. O artigo dizia:

Médard Aribot, Artista ou Condenado? Sua vida parece mais próxima a uma fantástica lenda popular, embora triste. Seria ele um condenado? Não há nada que comprove esta afirmação. Mas o fato de que ele era um artista não poderia ser mais evidente!

Existe um único turista que tenha passado por Anse Cafard em Diamant e não tenha cuidadosamente fotografado aquela deliciosa estrutura multicolorida, chamada de “a casa do condenado”? Voltada para a célebre Rocha, ela é uma obra de arte em miniatura, o trabalho de um excêntrico. Diz-se que ele foi condenado a quinze anos de degredo na Guiana Francesa, embora ninguém pareça saber o nome do juiz ou do tribunal que o condenou. Não existe nenhum registro sobre este assunto na imprensa da época. Mesmo os jornais de esquerda, tão dispostos, naquela época conturbada, a fazer acusações sem a menor hesitação, não publicaram uma única palavra. “Médard voltou de Cayenne 15 anos mais tarde, depois de 1940” dizem hoje seus leais defensores, chegando mesmo a especificar que ele estava “alquebrado e deformado porque eles o mantinham em uma pequena cela subterrânea.” Contudo tais afirmações estão mais próximas de sonhos e fantasia do que da realidade.

Os Arquivos da Colônia Penal em Aix-en-Provence não encontraram o menor traço deste suposto condenado. Se Médard Aribot foi para a Guiana Francesa, deve ter sido por um motivo completamente diferente e em uma outra época. E a idéia de que ele deve ter sido registrado sob outro nome é igualmente ridícula.

Assim, o martírio de Médard Aribot pode ser considerado simplesmente uma lenda criada pela fértil imaginação popular.¹³

Por ora, a mensagem anti-colonialista associada a Médard recuou, quase ao ponto de apagar-se. Mas as circunstâncias mudam, e somente um etnógrafo imprudente poderia estar certo de que Médard e a *guerre du Diamant* nunca emergirão da sua aparência exterior de “folclore”, tomando seu lugar como parte da experiência histórica mais rica que faz da Martinica e do seu povo tudo o que são, ou podem um dia vir a ser.

[A este ponto, no final do livro, eu conto uma história envolvendo memória coletiva subterrânea e a imagem do Rei das Índias que vimos anteriormente – é uma história complicada mas enaltecida que terei que deixar que vocês descubram no próprio livro]

[E então finalizo como se segue:]

I L H A

O Poeta observa os sinais externos de modernidade da ilha. E questiona, inquieto, sua consciência.

... aquela outra vida prosseguindo rumo à “mudança para o melhor”, sua paz congelada em um cartão postal, um futuro concreto à frente de tudo isso, nos tijolos dos grandes hotéis...

Olhei o mar ao entardecer. Não teria eu desejado que os pobres permanecessem à mesma luz para que eu os pudesse imortalizar em âmbar, o brilho de um império que já não existe,

preferindo uma cabana de varas tortas, coberta de palha, a esta parada de ônibus azul? ...

Arte é a nostalgia da História, prefere um telhado de palha a uma fábrica de concreto...

Não teria eu feito, de sua pobreza, meu paraíso?¹⁴

O antropólogo honesto precisa atracar-se com demônios semelhantes (embora na Martinica a pobreza talvez seja menos relevante que na Santa Luzia de Walcott). Clifford Geertz, refletindo, (em algum ponto entre a exaustão e o tédio) sobre o que significa ser um antropólogo no final do século vinte, defendeu recentemente que, “Para expressar isto, o que significa ser um antropólogo, não em algum lugar fora do alcance das manchetes, mas em algum tipo de interseção entre o macro e o micro ... o que se precisa, ou o que, de algum modo, tem que atender à necessidade, são de quadros, casos, parábolas, histórias: mini-narrativas com o narrador fazendo parte delas.”¹⁵ Mas para muitos de minha geração, esta forma de antropologia não é o bastante. Pois o que acontece se, como Glissant, também quisermos aceitar o desafio “de combater uma História única e lutar pelo cruzamento de histórias, redescobrir de uma vez nosso tempo e identidade verdadeiros, e questionar de formas inéditas a natureza do poder?”¹⁶ Como poderíamos também escrever sobre isto?

Referências Bibliográficas

- BERNABÉ, Jean, CHAMOISEAU, Patrick, CONFIANT, Raphaël. Éloge de la créolité. Paris: Gallimard, 1989/1993
- BURTON, Richard. Ki Moun Nou Ye? The Idea of Difference in Contemporary French West Indian Thought. *New West Indian Guide*, n.67, p. 5-32, 1993.
- CÉSAIRE, Ina. *Zonzon tête carrée*. Monaco: Editions du Rocher, 1994.
- CHAMOISEAU, Patrick. *Antan d'enfance*. Paris: Hatier, 1990.
- _____. *Chemin-d'école*. Paris: Gallimard, 1994.
- CONFIANT, Raphaël. *Ravines du devant-jour*. Paris: Gallimard, 1993.
- GEERTZ, Clifford. *After the Fact: Two Countries, Four decades, One Anthropologist*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- GLISSANT, Édouard. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.

- PRICE, Richard. Magie et pêche à la Martinique. *L’Homme*, n.4, p. 84-113, 1964.
- _____. *First-Time: The Historical Vision of an Afro-American People*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1983.
- _____. An Absence of Ruins? Seeking Caribbean Historical Consciousness. *Caribbean Review*, v. 14, n. 3, p. 24-29, 45. 1985
- _____. *Alabi’s World*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990.
- RABISSIER, Dominique. Médard Aribot, artiste ou bagnard? (1). *France-Antilles Magazine*, 14-20 August, p. 48-49, 1993a.
- _____. Médard Aribot, artiste ou bagnard? (2). *France-Antilles Magazine*, 21-27 August, p. 48-49, 1993b.
- RIBEIRO, Fernando Rosa. Das Ilhas ao continente, da França à Holanda: identidades pós-coloniais no Caribe contemporâneo. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 34, p. 155-178, 1998.
- TAUSSIG, Michael. *The Devil and Commodity Fetishism in South America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1980.
- WALCOTT, Derek. What the Twilight Says: An Overture. In *Dream on Monkey Mountain and Other Plays*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1970. p. 3-40.
- _____. French Colonial. ‘Vers de Société.’ *The Arkansas Testament*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1987. p. 75-76.
- _____. *Omeros*. New York: Farrar, Straus, Giroux, 1990.
- Zobel, Joseph. *La rue Cases-Nègres*. Paris: Présence Africaine, 1974.

Notas

¹ Palestra proferida de dia 11 de junho 1998 no Museu de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Fragmentos do livro de Richard Price, *The Convict and the Colonel*, Boston, Beacon Press, 1998 (= *Le bagnard et le colonel*, Paris, Presses Universitaires de France, 2000). Traduzido por Inês Alfano. — Ver, a respeito, o resenha de Fernando Rosa Ribeiro (1998).

² Price 1983, 1990.

³ Walcott 1987:75.

⁴ Carta de 24 julho 1989.

⁵ Price 1964.

⁶ Glissant 1981:103-106.

⁷ Taussig 1980:10.

⁸ Por exemplo, Zobel 1974, Chamoiseau 1990, 1994, Confiante 1993, e I. Césaire 1994.

⁹ Walcott 1970:7, 22-23.

¹⁰ Bernabé, Chamoiseau & Confiante 1989/1993:36_38.

¹¹ Price 1985:28.

¹² Glissant 1981:213.

¹³ Burton 1993:7_8.

¹⁴ Rabussier 1993a, 1993b.

¹⁵ Walcott 1990:227-228.

¹⁶ Geertz 1995:65.

¹⁷ Glissant 1981:159.